

A cultura parece, enfim, despertar

Francisco Ferreira
da Editoria de Cidade

A falta de uma cultura própria e a ênfase dada a outros setores da vida social fizeram com que o movimento artístico em Brasília permanecesse quase estático, perdido em meio a tentativas amadorísticas que não levam a muita coisa. Somente agora, a cidade parece viver um momento de definição, criação e afirmação de um campo de trabalho, que poderá tirá-la do marasmo em que está mergulhada.

No momento em que completa seus 17 anos, Brasília vive um momento realmente decisivo no desenvolvimento e afirmação de seu campo artístico. Praticamente em todos os setores da atividade artística, o atual momento se apresenta como de definição, de criação e afirmação de um campo de trabalho, isto tanto em relação ao necessário surgimento de apoio material por parte de entidades interessadas que começam a se instalar na capital, e mesmo das que aqui nascem como prova de amadurecimento de seus recursos humanos, como também da formação de um público próprio, voltado para a produção intelectual da própria cidade.

Desde que aqui se iniciaram os primeiros movimentos de produção artística, e ainda até hoje, estas dificuldades básicas persistiram. Primeiramente, dado à inevitável falta de uma cultura própria, que após estes 17 anos, somente agora começa a se esboçar. Depois porque no processo da construção da cidade, todos os esforços estiveram sempre voltados para outros setores da vida social, como o abastecimento, a recreação, o comércio, para onde se destinavam as verbas públicas da capital.

Este primeiro problema, o da afirmação de uma cultura própria, não existiu apenas pelo fato de se tratar de uma cidade nova e de sua população ser formada por grupos humanos procedentes de diversas regiões do país, mas principalmente, pelo caráter de transitoriedade com que estes grupos se apresentaram em

Brasília. Eles não apenas vinham de outras cidades como também esperavam voltar na primeira oportunidade. Raras foram, portanto, as vezes em que os setores artísticos de Brasília foram dirigidos por pessoas interessadas na criação de uma cultura própria da cidade, em detrimento dos modelos culturais que traziam de suas cidades de origem e que sempre quiseram implantar em Brasília.

Paulo Iolovitch, artista plástico residente em Brasília há 15 anos, durante todo este tempo em contato com as dificuldades que a cidade apresenta no setor, chegou a fazer a seguinte afirmação:

— Sempre nossa cultura foi dirigida por pessoas de outras cidades e nunca, ou quase nunca, por gente daqui. Estas pessoas vêm transitoriamente a Brasília, desconhecendo nossa vida, nossas necessidades, nosso desenvolvimento próprio. Moram na cidade o tempo suficiente para cumprir um mandato de quatro anos, depois voltam a suas cidades de origem com seus currículos enriquecidos e nós, que aqui ficamos, é que sofremos as consequências de seus atos.

Todos estes problemas fizeram com que Brasília tivesse seu processo de afirmação cultural retardado. Sua cultura, com uma série de condições favoráveis para se apresentar com uma riqueza raramente vista dado o fato de que se comporia de uma interação entre valores culturais de diversas regiões do país, além de contar com a vantagem de não partir de ne-

nhuma regra preestabelecida, podendo ser construída juntamente com a cidade, acabou sendo alvo de uma enorme quantidade de tentativas de forçar sua submissão a modelos trazidos de outros centros pelas pessoas que traçavam seu destino, encabeçando os órgãos públicos.

Pior que isto. Queriam fazer de Brasília, não uma miniatura do Rio e de São Paulo, mas uma espécie de palco para suas produções artísticas. Isto explica o fato de a Sala Martins Penna, o único teatro da cidade até então, ter permanecido fechada aos grupos de teatro locais até fins de 1970. Tal era a dificuldade, mesmo após esta época, para as companhias locais apresentarem-se naquela sala, que ela terminou por ser apelidada de "O Monstro Sagrado".

Embora os próprios artistas de Brasília não neguem que o teatro que se vinha fazendo até então na cidade não correspondia à expectativa do público, este jamais se aperfeiçoaria sem que fosse apresentado e criticado pela plateia. O mesmo se deu com as artes plásticas e com a música. Paulo Iolevitch afirma, ainda, que chegando aqui em 1962, pediu à Fundação Cultural que fizesse uma exposição de seus quadros. A exposição foi negada e somente hoje, 15 anos mais tarde, recebeu o primeiro convite para participar de uma exposição em uma de suas salas, juntamente com outros artistas de Brasília, na Exposição dos Artistas Seleccionados no III Encontro de Artistas Plásticos de Brasília.

O mesmo aconteceu com Félix Alejandro Barrenechea, que veio para Brasília em 1958, a convite de Israel Pinheiro, para implantar a primeira escola de artes na cidade. Tão logo começou a funcionar efetivamente e com a estrutura devida, Barrenechea foi afastado da escola, esta encampada pela Fundação Cultural, e seu nome só foi lembrado há cerca de dois meses atrás. Enquanto isto a Fundação Cultural realizava exposições de artistas plásticos do Rio, São Paulo, outros centros brasileiros e do exterior.

Tudo isto fez com que o desenvolvimento artístico em Brasília viesse se fazendo de forma muito lenta. Dos diversos setores das artes, o que mais rapidamente evoluiu em direção a um crescimento numérico de realizações e também no sentido da busca de uma linguagem própria da cidade, independente dos padrões estabelecidos por outros estados, foi o teatro.

Isto, em muito, deveu-se ao fato de o teatro ser, dentre as manifestações artísticas, a que reúne, ao mesmo tempo, duas características fundamentais que a diferem das demais artes: menor exigência de condições materiais para sua realização e uma movimentação grupal com constantes discussões e troca de idéias e experiências entre grupos. Já no ano passado, pelo menos quatro grupos de teatro levantavam a bandeira de um teatro brasileiro, refletindo nossa própria cultura, sem as imitações a que estávamos até então acostumados, do teatro do Rio e de São Paulo. Como exemplo desta proposta, podemos citar o grupo Katharsis, o Boca de Cena, o XPTO e o Grupo Farja. Mesmo que em alguns casos a proposta não passasse das declarações de seus diretores, já era um bom sinal.

Desta forma o teatro conseguiu formar um público jovem e que após algum tempo transcendia o âmbito de seus próprios executores, amigos e familiares. Já com a música, tal não chegou a acontecer. Enquanto o teatro já conta com uma plateia própria, que conhece os grupos, acompanha seus trabalhos, e discute a situação num nível mais geral, a música ainda vive a era dos parentes e amigos, muito embora já haja dois ou três grupos com linhas de trabalho bem definidas.

Ouvidas 10 pessoas, entre professores e alunos do Departamento de Música da Universidade de Brasília, sobre o problema do músico brasileiro, foram tiradas as seguintes conclusões: Brasília apresenta bom material humano, apesar de precárias condições de trabalho e quase nenhum apoio oficial. Os músicos daqui chegaram a ser considerados, por dois dos professores, como os terceiros melhores do país. Também foi levando o problema de o movimento não aparecer aos olhos da população, o que é gerado pela dispersão com que ele tem sido desenvolvido. Outros ainda reclamaram da falta de programação, mesmo de outros estados, vinda para cá, devido ao problema do isolamento geográfico da cidade. A falta de proposição nos trabalhos apresentados foi levantada também, além de se considerar que o movimento está muito restrito à UnB e são poucas pessoas que fazem música por outros meios. De uma maneira geral, a opinião é de que é um movimento de grande potencial, que está começando a tomar forma, mas que sente a falta de uma infraestrutura que garanta seu prosseguimento.

Se a música enfrenta este problema, nas artes plásticas, então, a coisa fica muitas vezes pior, principalmente por se tratar de uma atividade individual, que raríssimas vezes reúne os artistas em torno de discussões sobre as condições de trabalho etc.

Além de considerados todos estes problemas, ainda temos que levar em conta o caráter amadorístico com que os artistas têm que encarar os trabalhos, não podendo, nunca, se dedicar exclusivamente a seus trabalhos artísticos, tendo que dividir o tempo com o ganha-pão, na maior parte das vezes em atividades que nada têm a ver com as artes. Os últimos três anos marcaram o surgimento de duas ou três companhias profissionais de teatro em Brasília. No entanto, analisadas friamente, não poderiam ser chamadas nem de semiprofissionais.

São companhias que no período das férias escolares, têm que parar suas atividades e que não fazem média superior a duas peças anuais, que muitas vezes são remontagens de trabalhos apresentados pelas mesmas companhias em anos anteriores. Na realidade, embora se constituam em empenhos justos na busca de uma profissionalização, ainda falta muito terreno para ser vencido.

Como trabalho profissional, o único campo da arte que promete, hoje, maiores resultados a curto prazo, é o cinema. Como sua produção não se permite sem um esquema profissional que a sustente, dado o alto custo que envolve o trabalho, as pessoas ligadas ao cinema em Brasília optaram pela montagem de firmas de produção foto-cinematográficas, como a Lenda Produções, a Treis Por Quatro e a Amplissom, para garantir o dinheiro da produção.

Mas na verdade, todas estas iniciativas, tanto no campo do teatro, como do cinema, música e artes plásticas, datam de cerca de três anos para cá e apenas estão esboçando um começo de movimentação que promete, naturalmente, um crescimento no nível dos trabalhos e em sua quantidade. Mas ainda o que o público brasileiro considera como ponto alto de trabalhos artísticos, e que o levá maciçamente às casas de espetáculos e salas de exposições são, ainda, os espetáculos e exposições de artistas e companhias de fora.